

As repetições e as possibilidades de entrever traços de sujeito na doença de Alzheimer

Milena Cordeiro Barbosa*

Nirvana Ferraz Santos Sampaio**

Resumo

A doença de Alzheimer (DA) é uma síndrome que se manifesta de forma heterogênea entre os indivíduos, sendo comum a presença de alterações na memória. A memória, do ponto de vista cognitivo, é um produto da atividade cerebral e das relações sinápticas que transformam estímulos em aprendizado. No entanto, a atividade mnemônica não se limita à estrutura biológica, pois é constitutiva da identidade do sujeito e se relaciona com as produções sociais. Questiona-se neste estudo: O que se extrai das repetições produzidas por sujeitos com o diagnóstico de DA e um interlocutor-pesquisador em contexto enunciativo-discursivo? Objetivamos analisar as repetições que sujeitos com DA produzem em interação com um interlocutor-pesquisador, a fim de identificar os processos de significação subjacentes. Para tanto, utilizou-se o aporte teórico da Neurolinguística Discursiva em diálogo com a Psicanálise Lacaniana, pelo enlace corpo-linguagem. Foram analisados dados de repetições de quatro sujeitos com o diagnóstico de DA quanto às funções desempenhadas na formulação do texto

* Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9794-278X>.

** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora plena da UESB, atua no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5317-6569>.

oral e no discurso, seguido pela apresentação de dois episódios enunciativo-discursivos a partir dos quais se buscou as relações de sentido adjacentes às repetições. Os dados de linguagem dos sujeitos em situações enunciativo-discursivas nos permitiram lançar luz a elementos contextuais que revelam que as repetições não se reduzem a meros atos metalinguísticos ou sintomas de linguagem. Além de demonstrar dificuldades que os sujeitos apresentam em se colocar no discurso e elaborar narrativas, as repetições expressam-se enquanto recurso para a elaboração, reelaboração e reparação do dito.

Palavras-chave: repetição; doença de Alzheimer; neurolinguística discursiva; produção de sentido.

Repetitions and the possibilities of apprehending traces of subjectivity in Alzheimer's disease

Abstract

Alzheimer's Disease (AD) is a syndrome that manifests heterogeneously among individuals, with common alterations in memory. From a cognitive perspective, memory is a product of brain activity and synaptic relationships that transform stimuli into learning. However, mnemonic activity is not limited to biological structures, as it is constitutive of the individual's identity and relates to social productions. This study questions: what can be derived from the repetitions produced by individuals diagnosed with AD in interaction with a researcher-interlocutor within an enunciative-discursive context? Our aim is to analyze the repetitions that individuals with AD produce during interaction with a researcher-interlocutor, in order to identify the underlying processes of meaning. To this end, we employed the theoretical framework of Discourse Neurolinguistics in dialogue with Lacanian Psychoanalysis, through the link between body and language. Data on repetitions from four subjects diagnosed with AD were analyzed concerning the functions they serve in the formulation of oral text and discourse. Subsequently, two enunciative-discursive episodes were presented, from which the relations of meaning adjacent to the repetitions were explored. The language data of the subjects in enunciative-discursive situations allowed us to shed light on contextual elements that reveal that repetitions are not merely metalinguistic acts or language symptoms. Besides demonstrating the difficulties subjects face in positioning themselves within discourse and

elaborating narratives, repetitions also serve as resources for the elaboration, re-elaboration, and repair of what is said.

Keywords: repetition; Alzheimer's disease; discourse neurolinguistics; meaning production.

Recebido em: 13/06/2025 // Aceito em: 27/11/2025

O idoso com diagnóstico de Alzheimer e os métodos avaliativos

Na doença de Alzheimer, doravante DA, frequentemente a memória encontra-se comprometida e há prejuízos também em outros domínios cognitivos, como a linguagem e as funções executivas (Machado, 2016; World Health Organization, 2024). Os estudos neuropatológicos sugerem que sujeitos com DA apresentam uma redução volumétrica da massa encefálica, devido a processos que causam morte celular e impedem/dificultam as sinapses nervosas (Parmer; Nitrini, 2015). Essa atrofia cortical é progressiva e tem como efeitos, a longo prazo, prejuízos no desempenho de atividades da vida diária, no exercício da autonomia e na funcionalidade, que serão influenciados por fatores sociais e individuais (Machado, 2016). Dessa forma, a DA se apresenta como uma síndrome que se manifesta de forma heterogênea entre os acometidos, no entanto, as alterações de memória comumente estão presentes. Em relação ao curso clínico, a DA é classificada em três estágios: inicial, intermediário e avançado ou terminal (Brasil, 2007).

A memória pode ser abordada como um produto da cognição, cuja formação, manutenção e evocação se devem à capacidade cerebral, que, através de relações sinápticas, transformam os estímulos em aprendizado (Izquierdo, 2018). No entanto, a atividade mnemônica, a vida psíquica em si, não se reduz à estrutura biológica que lhe dá suporte. A memória é constituinte da identidade, do que o sujeito sabe sobre si e o outro (Izquierdo, 2018), mantendo relação com o meio social, a posição que o sujeito ocupa, os discursos produzidos acerca do gênero e da faixa etária, dentre outros aspectos. Nesse sentido,

a subjetividade da pessoa idosa está atravessada por discursos sociais que a concebem como improdutivo, pelo afastamento dos meios de produção (Beauvoir, [1970]/2018), resultando em modos de relação que impõem ao idoso o silenciamento, a passividade e a exclusão dos espaços sociais (Bosi, 1987).

Assim, as relações sociais não estão à margem da DA, mas podem estar na base do adoecimento, como sustenta Goldfarb (2014) numa perspectiva psicanalítica. A autora propõe que as demências se originam na relação do indivíduo com a sociedade, no lugar de desprestígio que o sujeito idoso ocupa por estar afastado das atividades laborais, por apresentar mudanças psicofísicas próprias do envelhecimento e por se confrontar com a morte de contemporâneos e com a sua própria morte (Goldfarb, 2014). A experiência subjetiva do idoso com diagnóstico de demência está permeada por vivências de extremo sofrimento, vazias de sentido, configurando um estado definido pela dissolução do Eu, da memória como componente historizador (Goldfarb, 2014). Nota-se que o sujeito com demência se refugia no passado e desinveste do presente, sendo assim, o Eu não se historiciza e não há continuidade do ser, mas sim uma constante repetição do passado como vivência (Goldfarb, 2014).

Embora se observe que as dinâmicas psíquicas e sociais ofereçam subsídio ao debate acerca dos estados demenciais, a subjetividade tem sido afastada das situações diagnósticas; nestas, quase não se fala com o sujeito idoso. Durante as entrevistas médicas, normalmente, o sujeito é falado pelos acompanhantes e por profissionais de saúde, reduzindo o seu saber e as suas competências à atividade metalinguística e aos números quantificados nos testes cognitivos (Novaes-Pinto; Beilke, 2008). A medicina tradicional trata as queixas de memória sob uma perspectiva estritamente biológica,

desvinculando-as dos efeitos do envelhecimento e do efeito que os discursos social e médico sobre o envelhecimento causam no sujeito (Marcolino-Galli; Fonseca, 2016). Ou seja, esse contexto avaliativo, puramente biológico e que não dá voz ao sujeito, contribui para a destituição da pessoa idosa do lugar de sujeito de linguagem. Não há reversibilidade de papéis, o sujeito não passa a locutor (Coudry, 2001).

A Neurolinguística Discursiva tem tecido críticas acerca do uso dos testes-padrão para avaliar a linguagem. Dentre os aspectos que podem ser levantados, temos que os testes não apreendem as relações simbólicas que se estabelecem entre os interlocutores na construção das significações (Coudry, 2001). Em contraposição, defende-se uma abordagem heurística de avaliação e intervenção que se atenta aos recursos de que o sujeito lança mão para reconstituir a linguagem por meio da construção de sentidos (Coudry, 2001, 2018). Nessa perspectiva, a língua resulta de um trabalho conjunto de diversos atores sociais, através do tempo e da cultura, que reúne recursos de expressão específicos da língua natural, estruturados por regras de uso (Coudry, 2001). Baseando-se, teórica e metodologicamente, na Neurolinguística Discursiva, questiona-se: O que se extrai das repetições produzidas por sujeitos com o diagnóstico de DA e por um interlocutor-pesquisador em contexto enunciativo-discursivo? Objetivamos, por meio deste estudo, analisar as repetições que sujeitos com DA produzem em interação com um interlocutor-pesquisador, a fim de identificar os processos de significação subjacentes. Para tanto, propomos inicialmente discutir, a partir da Linguística Textual, o que se entende por repetição, seguindo pela discussão de estudos que tratam da repetição na linguagem de idosos em contextos enunciativo-discursivos.

O que pode ser dito da repetição na linguagem de idosos

Na Linguística, de forma consensual, definem-se repetições como segmentos discursivos idênticos ou similares que ocorrem duas ou mais vezes durante uma mesma circunstância discursiva (Marcuschi, 2002). Destaca-se o papel das repetições como parte do processo de edição do texto oral, uma vez que este se caracteriza por um planejamento *on-line* que tem como objetivo a compreensão pelo outro (Marcuschi, 1992). Nessa perspectiva, as repetições se relacionam de forma intrínseca com os contextos de interação, assumindo funções na composição textual e/ou no nível discursivo (Marcuschi, 2002). Assim, Marcuschi (1992) propõe a seguinte categorização das repetições no que diz respeito aos aspectos formais da construção do texto oral: quanto ao seguimento linguístico repetido (lexema, sintagma ou oração), quanto à produção (auto repetição ou hetero repetição), quanto à distribuição na cadeia textual (contígua, próxima ou distante) e quanto à configuração (literal ou com variação). A proposta do autor abrange a função das repetições na composição textual, nesse sentido, ele as categoriza em relação à coesão sequencial (formação de lista ou paralelismo), coesão referencial e formulação do texto (reconstrução, correção, expansão, parentetização ou enquadramento). Já em relação ao discurso, Marcuschi (1992) propõe categorizar as repetições cumprindo função de compreensão (reforço ou esclarecimento), de tópico (reintrodução tópica ou delimitação do episódio), de argumentação (reafirmação) e de interatividade (responsividade ou incorporação). Dessa forma, observa-se que as repetições não são exclusivas de uma faixa etária, embora seja uma característica de estigmatização da fala de idosos.

As repetições têm sido descritas na fala de pessoas idosas para caracterizá-la como enfadonha, no entanto, os estudos demonstram que, em termos de funcionalidade, a produção de repetições por idosos não difere do uso que é feito por outros falantes, ou seja, objetivam a interação, a continuidade do turno, a dilatação do tempo para elaboração da fala e o favorecimento da compreensão (Lagrotta, 2001). Por outro lado, a repetição frequente na fala de idosos institucionalizados reflete uma realidade na qual a repetição da rotina provoca a repetição dos ditos (Coudry; Sampaio; Ishara, 2012). Analisando as repetições do ponto de vista do sentido, nota-se que idosos institucionalizados reiteram vivências que eram habituais e se perderam após a mudança de residência, mas que resistem na fala como expressão da subjetividade (Coudry; Sampaio; Ishara, 2012).

Quanto à repetição na oralidade de sujeitos com DA, percebeu-se que esse fenômeno linguístico contribui para a sequencialidade, como um elemento que auxilia na construção dos turnos e na progressão conversacional, assim como para o desenvolvimento da interação (Cruz, 2008). Verifica-se que as repetições desempenham função interativa na formação de pares adjacentes ao atuar produzindo reparos ou correções e na alternância do turno (Cruz, 2008). Nota-se um efeito ecoico na linguagem de sujeitos com DA, devido ao caráter rígido na formação das repetições no que diz respeito ao aspecto prosódico-entonacional (Cruz, 2008). Essa característica, bem como o uso de expressões cristalizadas e a repetição de palavras ou frases aparentemente descontextualizadas, contribui para que as falas dos sujeitos sejam tomadas enquanto produções automáticas

(Cruz, 2008)¹. Apesar dessas características, as repetições na fala de sujeitos com DA não são definidas como ecolalias, pois, em situações enunciativo-discursivas, possibilitam a construção de sentidos, formas e funções que caracterizam a linguagem em uso (Cruz, 2008). Nessa perspectiva, enfatiza-se a importância dos interlocutores na construção colaborativa da atividade linguística junto ao sujeito com DA e seu papel para a manutenção da interação, inclusive ao incorporar e buscar estabelecer sentido com o dito do sujeito (Cruz, 2008).

Do ponto de vista psicanalítico, em linhas gerais, as repetições são tratadas como atuações. Freud ([1914]/2022) sugeriu que experiências vividas como desprazerosas se submetem ao recalque, porém os elementos recalcados tendem a um retorno à consciência como deformações. Ou seja, sintomas, chistes, pensamentos obsessivos, atos falhos, sonhos, dentre outros, são manifestações do inconsciente que dizem respeito a conteúdos recalcados e retornam na forma de atuações. A função da repetição é tornar suportável o que foi vivido como insuportável, já que o sujeito “não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele *repete* sem, obviamente, saber o que repete.” (Freud, [1914]/2022, p. 154). Nesse sentido, a fala como ato motor se opõe à posição reflexiva que a linguagem comporta. Através de Lacan ([1964]/2008), compreende-se outra perspectiva da repetição: ele propõe que o que se repete é o encontro com a falta estruturante, por meio de novos encontros inesperados na vida. Cada acontecimento inesperado, sem representação significativa, desvela a condição estruturante do sujeito faltoso (Lacan, [1964]/2008). Na linguagem de sujeitos com demência,

¹ Convencionou-se considerar que o fenômeno do automatismo se deve a processos de produção involuntários e monitoramento inconsciente da linguagem, no entanto, Cruz (2008) aponta que a ausência de elementos de contextualização fornece mais elementos para a análise linguística do fenômeno. Segundo a autora, as produções automáticas se relacionam ao declínio cognitivo no que diz respeito à função reguladora da linguagem.

a repetição de situações do passado demonstra a posição do sujeito em refugiar-se em sua própria história para se defender de novas experiências traumáticas (Goldfarb, 2014).

Sendo assim, seja do ponto de vista estritamente linguístico, seja da perspectiva psicanalítica, apesar do comprometimento cognitivo presente na DA, as repetições produzidas não se dão como ações automáticas, descontextualizadas, nem como simples reproduções da fala do outro, mas como parte do processo de construção de sentidos em relação às condições de produção em que se dá o ato de fala, ao papel desempenhado na interação e à história do sujeito (Barbosa, 2024).

Adota-se o referencial teórico-metodológico da Neurolinguística de vertente Discursiva. Nessa perspectiva, a linguagem é apreendida como processo criador e constitutivo, que não se origina no sujeito, visto que é histórica e cultural, mas cujos sentidos não estão postos *a priori*, se constroem pelos interlocutores ao se servirem da língua para expressar algo que não está estrito ao código linguístico (Coudry, 2001; Coudry; Possenti, 1983; Franchi, 1992). Considera-se o sujeito que atua sobre a linguagem de forma consciente e inconsciente, que põe a língua em funcionamento, que é social, histórico, cultural, psicológico e biológico (Coudry, 2001). Defende-se uma abordagem heurística que esteja atenta ao sujeito e ao seu processo de reconstrução da linguagem por meio do sentido (Coudry, 2001, 2018).

Propõe-se um diálogo com a psicanálise lacaniana, apostando em uma convergência possível entre a perspectiva psicanalítica e a Neurolinguística Discursiva e considerando o enlace corpo-linguagem. A clínica psicanalítica com sujeitos cérebro-lesados indaga “sobre o corpo como lugar, matéria e

substância pelos quais se constitui o simbólico, reafirmando a certeza de que não apenas o corpo se estrutura como sentido, mas também a de que o sentido se estrutura como corpo” (Caneppele, 2010, p. 127). Compreende-se que a entrada na linguagem constitui subjetivamente o humano, pois, ao ser falado pelo Outro, o significante é incorporado à carne, submetendo o sujeito à ordem do significante (Lacan, [1964]/2008). Assim, ao efetuar a língua no discurso, o indivíduo situa a si mesmo na linguagem, tomando a posição de sujeito e instituindo um outro, demarcados pelos usos dos pronomes “eu” e “tu” (Benveniste, 1999). As marcas temporais, por sua vez, revelam a experiência do falante “com” e “sobre” o tempo (Benveniste, 1999). O sujeito da enunciação marca a temporalidade por meio da forma linguística que emprega, partindo do presente, este que é refeito em função do discurso a cada vez (Benveniste, 1999). Assim, passado e futuro se apresentam, em um acontecimento narrado, como perspectivas do presente, tempo em que se dá o ato de fala. Nesse sentido, a marcação temporal estabelece relação com o vivido, apontando para dinâmicas psíquicas que não seguem a linearidade do tempo cronológico (Freud, [1914]/2022). Do mesmo modo, as memórias evocadas não se tratam de cópias fidedignas das experiências que as originaram. Ao analisar os fenômenos do esquecimento e do reconhecimento, Ricoeur (2007) diferencia os rastros corticais dos psíquicos, destacando que a dimensão psíquica não se reduz à estrutura cerebral. De acordo com o autor, o esquecimento não se esclarece por completo através de explicações biológicas, uma vez que os rastros psíquicos se materializam no presente como representação de um passado que sobreviveu. Assim, Ricoeur (2007) atribui valor de signo linguístico aos rastros psíquicos.

Aspectos metodológicos

Apresentamos aqui o recorte de um estudo qualitativo, não experimental, no qual foram realizados acompanhamentos longitudinais com quatro sujeitos com diagnóstico de doença de Alzheimer, entre setembro de 2022 e agosto de 2023². A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, possuindo o parecer nº 5.593.971, CAAE 60976022.6.0000.0055. Os dados foram produzidos na perspectiva de dado-achado, segundo a qual aposta-se na relação dialética que se estabelece entre teoria e dado e na articulação teórica entre o objeto de investigação e a avaliação e o acompanhamento longitudinal (Coudry, 1996). A produção e a interpretação dos dados sustentam-se em um rigor metodológico flexível, teoricamente fundamentado, tendo em vista que se considera a intenção do investigador em lançar luz sobre a singularidade dos dados e formular hipóteses diante de uma realidade opaca à primeira vista (Ginzburg, 1989). Privilegia-se o processo de produção do dado, no qual participante e pesquisador estão em posição de interlocutores que colocam a língua em uso através de práticas linguageiras, tais como leitura de textos, comentários de fotografias, jogos interativos e atividades com música.

O *corpus* do estudo se constituiu de dados de narrativas orais de experiências pessoais (Labov, 1997) advindos de atividades sistematizadas de interação do interlocutor-pesquisador com quatro sujeitos diagnosticados com DA, referidos pelos nomes fictícios Luzia, Margarida, Violeta e Elizabete. Apresentaram-se

² Este estudo é produto da dissertação de mestrado que tem como título “A repetição na oralidade de sujeitos com diagnóstico de doença de Alzheimer: diálogo entre a Neurolinguística Discursiva e a Psicanálise”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB).

inicialmente dados de repetição que ilustram a tipologia proposta pela Linguística Textual; em seguida, foram apresentados dois episódios enunciativo-discursivos. Os episódios foram transcritos e elaborados segundo o modelo do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) (Freire; Coudry, 2016), com adaptações. Os quadros compunham-se pelas seguintes colunas: numeração de linhas, sigla do locutor, transcrição, observação das condições de produção do enunciado verbal e observações das condições de produção do enunciado não verbal. Ademais, utilizaram-se os seguintes sinais gráficos a fim de representar aspectos prosódicos na interação:

Quadro 1 – Sinais gráficos utilizados para representar aspectos prosódicos na interação

Sinal	Significado
/	Pausa breve
//	Pausa longa
()	Trecho incompreensível
[]	Acréscimo ou correção ortográfica
‘ ’	Aumento do tom de voz
...	Interrupção
“ ”	Reprodução da fala de outro indivíduo

Fonte: (Barbosa, 2024, p. 88).

Sobre os participantes

Os participantes da pesquisa foram sujeitos idosos com doença de Alzheimer em fase inicial e intermediária, residentes de um município do interior da Bahia, que apresentaram condições

cognitivas de compreender a proposta do estudo e autorizá-la. Foram adotados os seguintes critérios de exclusão: a) indivíduos com outras faixas etárias abaixo de 60 anos; b) idosos sem o diagnóstico de doença de Alzheimer; c) idosos com doença de Alzheimer em estágio avançado; c) idosos com doença de Alzheimer que residam em outros municípios que não Vitória da Conquista – BA; d) idosos com doença de Alzheimer em fases iniciais que apresentem outras comorbidades psiquiátricas que não sejam Transtornos de Humor e/ou Transtornos de Ansiedade; e) idosos com doença de Alzheimer que sejam legalmente incapazes e apresentem condições cognitivas que os tornem inaptos a compreender a proposta da pesquisa. Todos os participantes foram referidos com nomes fictícios, a fim de preservar suas identidades, e o pesquisador foi identificado pela sigla Imb. Algumas características socioculturais e psicológicas dos sujeitos foram apresentadas no quadro a seguir (Quadro 2).

Quadro 2 – Perfil sociocultural e psicológico dos sujeitos da pesquisa

Nome	Idade	Sexo	Escolaridade	Estado Civil	Características emocionais e de personalidade	Contexto de diagnóstico	Estágio da DA em que se encontra
Luzia	83	F	Não escolarizada	Casada	Bastante comunicativa. Relata vivências Familiares e religiosas. Encontra-se acamada há cerca de 3 anos, tornando-se dependente dos cuidados da filha, Lúcia, e de uma equipe de <i>home care</i> .	Ocorreu por volta de dezembro de 2020 por profissional médico, após a realização de anamnese e a aplicação do Mini Exame do Estado Mental. Como exame complementar, realizou tomografia do crânio em janeiro de 2021.	Fase inicial

Margarida	92	F	Ensino fundamental completo	Viúva	Alegre e afetuosa, gosta de cantar e realizar atividades manuais. Em 2016, começou a apresentar humor deprimido, sendo diagnosticada com depressão.	Concomitante ao diagnóstico de depressão, foi diagnosticada com DA, tendo como primeiros sintomas alteração da memória para fatos recentes, confusão mental e desorientação espacial. Na ocasião, passou a residir com a filha.	Fase inicial
Violeta	69	F	Ensino superior completo	Casada	Receptiva e alegre, gosta de música e de dançar, especialmente forró. Após a aposentadoria, passou a se dedicar a atividades com artesanato. Teve a rotina e a autonomia afetadas pelo adoecimento, pois passou a ter dificuldades em se recordar das atividades que estava realizando momentos antes, necessitando de auxílio de cuidadores.	Os primeiros sintomas de DA foram repetições e esquecimentos de situações recentes, por volta dos 50 anos. Relatório médico de 2019, a partir de dados objetivos e subjetivos, possui a informação de compatibilidade com Demência Vascular. Em outro relatório, de 2020, o mesmo profissional afirma que Violeta possui DA em fase moderada.	Fase intermediária
Elizabete	91	F	Ensino fundamental incompleto	Viúva	Receptiva e sorridente, gosta de música e em anos anteriores cantava na igreja. Gostava bastante de sair, passear e viajar, inclusive sozinha, preferência que se modificou com o tempo.	Recebeu o diagnóstico médico aos 76 anos; no período, apresentava mudança brusca do comportamento, isolamento social, agressividade, confusão mental, desorientação espacial e repetição de perguntas. O relatório médico produzido neste período afirma que Elizabete apresentava quadro demencial, com interferências nas atividades diárias e distúrbio comportamental associado, característico de DA.	Fase inicial

Fonte: Elaboração própria a partir de Barbosa (2024, p. 89).

Análise de dados de repetição de sujeitos diagnosticados com Alzheimer

I. Análise das repetições quanto à forma e à função

Nos quadros a seguir (Quadro 3 e Quadro 4), apresentam-se dados de repetição produzidos por sujeitos diagnosticados com DA, analisados segundo a categorização proposta por Marcuschi (1992).

Quadro 3 – Recortes de episódios enunciativo-discursivos que ilustram a classificação das repetições adotada por Marcuschi (1992) quanto aos aspectos formais da construção do texto oral

Quanto ao segmento linguístico repetido	Lexema	Luzia: “E eu enoivei (noivei), mas eu [não] tava ni Conquista, eu tava na roça. E ele [esposo] morava aqui ni Conquista e eu fiquei morando na roça.”
	Sintagma	Luzia: “Aí pai falou assim ‘Minhas fia é minha, minhas fia tá comigo.’”
	Oração	Margarida: “ Era muito parecido comigo . Margael. Muito parecido comigo .”
Quanto à produção	Auto repetição	Luzia: “Ah, minha mãe morreu. Agora aí pronto. Quando minha mãe era viva, não, mas depois que minha mãe morreu / cabou-se .”
	Hetero repetição	Elizabete: “ Até hoje? ” Imb: “ Até hoje. ”
Quanto à distribuição na cadeia textual	Contígua	Elizabete: “Heitor, Paulo e Martinho, Rivaldo .” Imb: “ Rivaldo. ”
	Próxima	Elizabete: “ Acho que só tem esses , eu não lembro mais não. Acho que só tem esses. ”
	Distante	Violeta: “Meus alunos ”. (...) Imb: “Os alunos? ”
Quanto à configuração	Literal	Imb: “Essa é antiga , hein?”. Violeta: “ Antiga , de mil novecentos e antigamente.”
	Com variação	Luzia: “ Minha vó não queria nós, nem as tia não queria (nós). Meu tio e meu padrinho também não quis (nós).”

Fonte: (Barbosa, 2024, p. 93-94).

Quadro 4 – Recortes de episódios enunciativo-discursivos que ilustram a tipologia das repetições adotada por Marcuschi (1992) quanto às funções que as repetições cumprem na composição textual e em relação ao contexto discursivo

Funções na composição do texto	Coesão sequencial	Formação de listas ou paralelismos	Luzia: “Trazia feijão, trazia arroz, trazia farinha, trazia tudo pra mim.”
	Coesão referencial		Luzia: “O senhor de 15 em 15 dia, o senhor tá aqui ni Conquista ”. E eu enoivei (noivei), mas eu [não] tava ni Conquista , eu tava na roça . E ele [esposo] morava aqui ni Conquista e eu fiquei morando na roça.”
	Formulação	Reconstrução	Elizabete: “ Era meu irmão mais velho ”. Imb: “Era mais velho do que a senhora?”. Elizabete: “Não, dos homens .” (...) Elizabete: “ Era o meu irmão mais velho dos homens .”
		Correção	Luzia: “Igreja Deus é Amor tava escrito. Tá escrito! ”
		Expansão	Luzia: “ E eu tava morando mais a mulé. Eu tava morando mais a mulé que criou ele / que criou meu esposo. ”
		Parentetização	Luzia: “ Tacava a língua ni nós. ” Imb: “Eita!” Luzia: “ Tacava a língua ni nós. Ah, minha mãe morreu. Agora aí pronto.”
		Enquadramento	Elizabete: “ De primeira, as mulher paria tanto que a gente até que esquece. ” (...) Elizabete: “ De primeira, as mulher já paria, nera irmã? ”

Funções discursivas	Compreensão	Reforço	Elizabete: “É, chamava Rivaldo. Era o meu irmão mais velho dos homens. // Rivaldo. Eu alembrei , né?” Imb: “Isso, a senhora lembrou .”
		Esclarecimento	Margarida: “ Ele vinha aqui toda semana de Piripá, ele vinha para aqui me ver .”
	Tópico	Reintrodução de tópico	Luzia: “E eu tava morando mais a mulé. Eu tava morando mais a mulé que criou ele / que criou meu esposo.” (...) Luzia: “ Era a mãe que criou ele .”
		Delimitação de episódio	Elizabete: “ Acho que só tem esses , eu não lembro mais não. Acho que só tem esses . //”
	Argumentação	Reafirmação	Luzia: “Lá na fazenda Gaviãozinho tinha e tem rio até hoje tem, até hoje tem, porque era rio mesmo, né? Não é represa, não é poço, não é nada. É rio de água corrente .” (...) Luzia: “O ano inteiro. Te... tinha e tem até hoje ”. Imb: “ Tem até hoje .” Luzia: “ Tem até hoje . //” (...) Luzia: “Inclusive, até o rio... essa fazenda Baixão ela é.. ela tem um rio até hoje. Porque ninguém não desbota um rio, né? Só Deus .”
	Interatividade	Responsividade	Elizabete: “ Foi? ” Imb: “ Foi , um bocado.”
		Incorporação	Imb: “Teve algum irmão que morreu? ” Elizabete: “// Morreu , mas eu esqueci o nome do... // nm... Rivaldo!”

Fonte: (Barbosa, 2024, p. 94-95).

As repetições produzidas por sujeitos diagnosticados com DA se assemelham às produções de falantes sem o diagnóstico,

uma vez que cumprem funções relativas à formulação do texto oral e à produção do discurso. Dado o caráter *on-line* da produção da oralidade, os sujeitos se apoiam nas repetições como recurso previsto pelo código para reformular, recompor, retomar elementos narrativos, compreender, tomar o turno e sinalizar o próprio envolvimento na interação, além de enfatizar, esclarecer e reforçar aspectos de sua história (Barbosa, 2024). Assim, corroborando Marcuschi (1992, 2002), as repetições, mesmo em um quadro de comprometimento neurológico, não se caracterizam por equivalência semântica, nem se reduzem a sintomas de linguagem como sugerem os resultados de testes-padrão.

II. Análise das repetições quanto à produção de sentidos

A seguir, apresentamos o recorte de uma situação enunciativo-discursiva, na qual o sujeito Violeta mostrava algumas de suas fotografias de anos anteriores para a pesquisadora. As fotografias traziam o sujeito sozinho, com familiares, amigos e em contextos diversos.

Quadro 5 – “Era eu que provocava eles” – Episódio de 29 de agosto de 2023

Linha	Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
1	Imb	A senhora... Cadê a senhora ?		Questiona olhando a fotografia.

2	Violeta	Ó eu aqui!		Apontando na fotografia.
3	Imb	A senhora com... Quem são esses outros?		
4	Violeta	Aqui / era eu que provocava eles.		
5	Imb	A senhora provocava era?		
6	Violeta	Eu provocava		
7	Imb	Ham...		
8	Violeta	“Para todo mundo aí, para aí.” “Olha, preste atenção no que vocês vão fazer aí, se não vocês vão ficar s... tão revoltada que vocês nem querem”.		
9	Imb	E eles são o que da senhora?		Apontando as crianças ao lado de Violeta na fotografia.
10	Violeta	Meus alunos .		
11	Imb	Ah, eram os alunos .	Surpresa	
12	Violeta	É.		
13	Imb	Aí fez uma pose para tirar a foto.		
14	Violeta	Foi. Aqui são meus alunos // brecheira.	Risos	
15	Imb	A senhora ensinou...	Risos Sobreposição de vozes	
16	Violeta	Aqui é minha mãe. Minha mãe que tirou...	Comentando outra foto.	

17	Imb	Sua mãe que tirou?		
18	Violeta	Foi. Eu tirei também, né?		
19	Imb	Ah! A senhora está na foto também.		
20	Violeta	Tô na foto. /		
21	Imb	E a do lado é mãe da senhora.		
22	Violeta	Eu sou a... aqui minha barriga aqui parecendo que eu tô pra parir.		
23	Imb	Tá achando? Não achei . Achei a senhora tão alinhada. Tão bonitona, assim alinhada.		
24	Violeta	Isso aqui, menina. Eu tinha uma falta disso aqui. Ó minha cara, eu tinha, eu tinha...	Interrompe a fala quando o neto abre a porta da casa.	

Fonte: (Barbosa, 2024, p. 130-132).

Na situação de interação entre Violeta e Imb estão presentes inserções e repetições, observa-se que a ausência desses aspectos implicaria no processo de significação, como pode ser notado na seguinte inserção do sujeito: “Aqui é minha mãe. Minha mãe que tirou...”. A escolha do verbo “tirar” produziu estranhamento na interlocutora, pois “tirar” pode se referir ao ato de fotografar e ao de ser fotografado. Diante do impasse, por visualizar que a mãe do sujeito estava na fotografia e não se tratava de uma *selfie*, a interlocutora recorre à repetição da frase em forma

interrogativa para verificar a informação dada pelo sujeito “Sua mãe que tirou?”. Em resposta, Violeta afirma, “Foi. Eu tirei também, né?”, produzindo assim sentido ao dito intencionado, o sujeito e sua mãe tinham sido fotografados juntos.

O pronome “eu” é reiterado pelo sujeito, de modo a diferenciar-se da mãe, mas também de si mesmo. Violeta localiza o tempo cronológico ao identificar traços físicos seus que estavam fixados na fotografia, no entanto, não os possui mais quando diz: “Eu sou a... aqui minha barriga aqui parecendo que eu tô pra parir” e “Isso aqui, menina. Eu tinha uma falta disso aqui. Ó minha cara, eu tinha, eu tinha...”. A fotografia atua como suporte material para o reconhecimento de si própria, um rastro psíquico (Ricouer, 2007) no presente de uma imagem que já não é a mesma. Assim, a partir da colaboração do interlocutor-pesquisador, o falante diagnosticado com DA mobiliza a linguagem, recriando as circunstâncias envolvidas nas fotografias e propiciando a emergência das memórias e a produção de sentidos. Nesse sentido, reforça-se que a avaliação da linguagem em situação enunciativo-discursiva acomoda a evocação de fragmentos de memória da sua história pessoal, constituintes da identidade do sujeito (Barbosa, 2024).

Ao perceber as dificuldades do sujeito na linguagem, o interlocutor-pesquisador se coloca na interação de forma colaborativa, recorrendo às repetições para apoiar a fala do sujeito. A referenciação é percebida na reiteração do vocábulo “senhora” nas linhas 3, 5, 9, 15, 19, 21 e 23. Nota-se reforço na linha 11, quando o interlocutor-pesquisador diz “Ah, eram os alunos.”, e na linha 19, na formulação “Ah! A senhora está na foto também.” Além disso, ocorre a reiteração na forma

interrogativa, como na linha 5, “A senhora provocava era?”, e em “Sua mãe que tirou?”, na linha 17. Isso se dá após o estranhamento da informação dada pelo interlocutor com DA, intencionando a verificação do dito, como discutido por Cruz (2008). A autora aponta que essa posição do interlocutor sugere a ocorrência de um desacordo na fala do outro, convocando-o a uma reparação ou confirmação do dito. Trata-se de um recurso que o interlocutor utiliza para interromper o fluxo da fala do sujeito de forma sutil e introduzir uma questão que será resolvida no turno subsequente (Cruz, 2008). No episódio em análise, na linha 6, não há reparação pelo sujeito, no entanto, Violeta dá continuidade à interação, no turno 8, lançando mão de novos significantes para exemplificar o ato de “provocar” que lhe foi questionado pelo interlocutor-pesquisador, ela diz: “Para todo mundo aí, para aí.”, “Olha, preste atenção no que vocês vão fazer aí, se não vocês vão ficar s... tão revoltada que vocês nem querem.”.

A seguir, apresentamos o recorte de um episódio enunciativo-discursivo, no qual o sujeito Margarida narra as circunstâncias em que se deram a morte trágica do filho Margael, temática frequente nos encontros com a pesquisadora.

Quadro 6 – “É por causa da dor que sentiu” – Episódio de 17 de outubro de 2022

Linha	Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal

1	Margarida	É. E uns já morreu . Um mesmo morava ni Piripá . Foi embora. Morreu / Chegando ni Piripá . Parece que veio um carro de lá . Eu sei que morreu ... deixou a família... morando lá... deixou a família. Morreu. Margael.		
2	Imb	Foi acidente...		
3	Margarida	Ele vinha toda semana aqui ni Conquista me ver.		
4	Imb	Ah sim, ele vinha ver a senhora.		
5	Margarida	Ele gostava de mim, ele queria muito // ele me queria muito bem / Margael . Chamava Marga-el . Eu chamo Margarida e o Istênio [esposo]. É Ist... Ah, Margael . O primeiro que era Maristênio que é Margarida e Istênio.		
6	Imb	Sim, combinou os dois.		
7	Margarida	O segundo / o segundo eu botei Margael, Margael.		
8	Imb	Sempre dando um jeitinho de encaixar os dois nomes, de combinar .		
9	Margarida	Encaixar, combinar é / Margael é... // morreu também no ano passado.		
10	Imb	O ano passado?		

11	Margarida	Foi aqui chegando perto de Piripá já. Veio um carro de lá e ele mandou os meninos sair e ele tava dentro do carro. E ele morreu e uma menina de Piripá que vinha sentada atrás dele morreu também. Morreu ele e uma menina que tava sentada atrás.		
----	-----------	--	--	--

Fonte: (Barbosa, 2024, p. 112-113).

Na narrativa do sujeito Margarida, observa-se a reiteração do verbo morrer nas linhas 1, 9 e 11 e do nome próprio Margael, nas linhas 1, 5, 7, 9 e 11. As repetições cumprem a função de reafirmação e reforço. Assim, o sujeito reafirma e reforça de forma insistente a morte do filho. Já na linha 4, o interlocutor-pesquisador reitera algo que foi dito pelo sujeito, “Ah sim, ele vinha ver a senhora.”. Essa reafirmação desencadeia repetições por paralelismo na fala do sujeito, nas quais enumera aspectos que compunham sua relação com o filho, quando diz, por exemplo, na linha 5, “Ele gostava de mim, ele queria muito // ele me queria muito bem.”. Posteriormente, na linha 9, o sujeito aceita a sugestão dada pelo interlocutor, incorporando os verbos utilizados por ele: “Encaixar, combinar é”.

Na linha 10, o pesquisador produz a repetição “O ano passado?”, pois nota o equívoco que é revelado na marcação temporal feita pelo sujeito. Como efeito, o sujeito narra as circunstâncias da morte, inclusive a causa que havia sido introduzida na linha 1, “Parece que veio um carro de lá.”, que somente é concluída na linha 11: “Veio um carro de lá e ele mandou os meninos sair e ele tava dentro do carro.”. O tempo em que o sujeito localiza a perda (“ano passado”) nos dá indícios não

do tempo cronológico, uma vez que na realidade já se passaram quase dez anos do ocorrido, mas do tempo vivido. Infere-se que a morte do filho é sentida em atualização, como uma dor extrema, insuportável, diante disso, de forma inconsciente, o sujeito desinveste do presente em proteção ao risco de novas perdas (Goldfarb, 2014).

O modo como a narrativa é construída chama a atenção, pois no relato há traços de um encadeamento automático de ideias, como se observado quando explica o nome do filho Margael, na linha 5, “Chamava Marga-el. Eu chamo Margarida e o Istênio [esposo]. É Ist...”. Essa ocorrência é corrigida por Margarida em seguida, “Ah, Margael. O primeiro que era Maristênio que é Margarida e Istênio.”. Na linha 11, ocorre a produção de uma repetição que causa o efeito de automatismo, quando Margarida diz “E ele morreu e uma menina de Piripá que vinha sentada atrás dele morreu também”, reiterando em seguida “Morreu ele e uma menina que tava sentada atrás.”. O equívoco na fala sugere um processo psíquico subjacente, a fala como ato motor. Ou seja, o retorno na fala do que não foi simbolizado, pelo caráter traumático. Supõe-se que o conteúdo repetido por Margarida retorna na fala com a mesma insistência que esse fato insuportável retorna em sua memória. Nesse sentido, o uso que o sujeito faz da linguagem, em interlocução, possibilita que ele formule uma narrativa coerente, que produza sentidos, sobretudo para si mesmo, acerca do acontecimento vivido.

Considerações finais

Os dados do estudo não permitiram verificar uma correlação entre o nível de escolaridade e o grau de comprometimento

dos sujeitos, embora esse aspecto seja abordado por outras pesquisas. Dentre os participantes, o sujeito Violeta se destaca por apresentar nível superior completo. No entanto, Violeta encontra-se em fase moderada da doença e demonstra dificuldade em discorrer sobre os acontecimentos de sua vida, fazendo o uso de expressões que se distanciam das regras pragmáticas da linguagem. Já os dados de Margarida, sujeito com o ensino fundamental completo, sugerem que as descontinuidades da fala, hesitações e repetições mantêm estreita relação com o conteúdo da fala. Com isso, os dados reforçam que as dificuldades de linguagem na DA se apresentam mesmo em contextos de alto grau de escolarização, sendo imprescindível a investigação da linguagem para o diagnóstico da doença.

As repetições produzidas na oralidade pelos sujeitos com o diagnóstico de DA se assemelham ao uso de repetições por sujeitos sem qualquer comprometimento neurológico, como as do interlocutor-investigador, pois mantém uma característica própria do texto oral, a produção *on-line*. Assim, o repetido não diz o mesmo da primeira ocorrência, mas cumpre funções diversas, desde a formulação textual até a construção do discurso. Os dados produzidos em interação nos permitem extrair elementos contextuais que distanciam as repetições de meros atos metalinguísticos e sintomas de linguagem. Além disso, nota-se que as repetições, em situações enunciativo-discursivas, se associam tanto a dificuldades do sujeito na elaboração de narrativas, quanto aos meios de elaboração, reelaboração e reparação do dito. Nesse sentido, verificou-se que o sujeito com DA se serve da escuta colaborativa do interlocutor, ao pontuar marcas temporais e equívocos, para se escutar e construir sentido acerca do vivido no presente.

Ao tomar a memória como elemento historizador, foi percebido que o que se repete na fala de sujeitos com diagnóstico de DA está estritamente relacionado com sua própria história de vida, com as marcas que o constituem, o lugar social que ocupa e ocupava, os vínculos feitos e as dores que carrega. Reforça-se que a prática clínica contextualizada, não dissociada da história de vida do sujeito, permite a avaliação da linguagem e a emergência do sujeito, tendo o diagnóstico patológico em suspensão. Assim, foram elucidadas as singularidades dos sujeitos e reveladas pistas que direcionaram para a reelaboração das dificuldades de linguagem e memória.

Referências

- BARBOSA, Milena Cordeiro. *A repetição na oralidade de sujeitos com diagnóstico de Alzheimer: diálogo entre a neurolinguística discursiva e a psicanálise*. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2024. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=16451773. Acesso em: 10 jun. 2025.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. Obra original publicada em 1970.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Juan Almela. Madri: Siglo XXI Editores, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1987.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. (Série A. Normas e Manuais Técnicos; Cadernos de Atenção Básica, n. 19). Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abcad19.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- CANEPPELE, Alessandra. Por onde a neurolinguística discursiva caminha através da teoria freudiana? In: COUDRY, Maria Irma Hadler *et al.* (org.). *Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 121-139.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. O que é dado em Neurolinguística? In: CASTRO, Maria Fausta Pereira (org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora Unicamp, 1996. p. 179-194.

COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso e Neurolinguística Discursiva: 30 anos depois. Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 323-350, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8653126>. Acesso em: 12 jun. 2025.

COUDRY, Maria Irma Hadler; POSSENTI, Sírio. Avaliar discursos patológicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 5, p. 99-109, 1983. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636629/4348>. Acesso em: 12 jun. 2025.

COUDRY, Maria Irma Hadler; SAMPAIO, Nirvana Ferraz Santos; ISHARA, Cinthia. Dado e novo na linguagem de idosos. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; PACHECO, Vera (org.). *Da Fonética ao Discurso: questões de pesquisa*. São Carlos: Claraluz, 2012. p. 48-69.

CRUZ, Fernanda Miranda. *Linguagem, interação e cognição na doença de Alzheimer*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/429976>. Acesso em: 12 jun. 2025.

FRANCHI, Carlos. Linguagem – atividade construtiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 22, p. 9-39, jan./jun. 1992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636893/4615>. Acesso em: 12 jun. 2025.

FREIRE, Fernanda Maria Pereira; COUDRY, Maria Irma Hadler. Banco de Dados de Neurolinguística: ver, analisar, intervir, teorizar. In: 5º CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, Portugal, v. 3, p. 367-376, 2016.

FREUD, Sigmund. Lembrar, repetir e perlaborar. In: FREUD, Sigmund. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. 2. ed. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 151-164. Obra original publicada em 1914.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GOLDFARB, Delia Catulho. *Demências*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

IZQUIERDO, Iván. *Memória*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

LABOV, William. Some Further Steps in Narrative Analysis. *The Journal of Narrative and Life History*, v. 7, n. 1-4, p. 3-38, 1997. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/jnlh.7.49som>. Acesso em: 12 jun. 2025.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. Obra original publicada em 1964.

LAGROTTA, Márcia Gomes. *A repetição em idosos em diferentes situações institucionais*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MACHADO, José Carlos B. Doença de Alzheimer. In: FREITAS, Elizabete Viana; PY, Lígia (org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 423-466.

MARCOLINO-GALLI, Juliana; FONSECA, Suzana Carielo. Sobre queixas de dificuldades de memória na velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 227-242, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/46818>. Acesso em: 12 jun. 2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A repetição na língua falada: formas e funções*. 1992. Tese (Livre Docência) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore Villaça (org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. Campinas: Editora Unicamp, 2002. p. 105-141.

NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo; BEILKE, Hudson Marcel Bracher. Avaliação de linguagem na Demência de Alzheimer. *Estudos da Língua(gem)*, v. 6, n. 2, p. 97-126, 2008. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1068>. Acesso em: 12 jun. 2025.

PARMERA, Jacy B.; NITRINI, Ricardo. Demências: da investigação ao diagnóstico. *Revista de Medicina*, São Paulo, v. 94, n. 3, p. 179-184, jul./set. 2015. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistadc/article/view/108748>. Acesso em: 12 jun. 2025.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *ICD-11 for mortality and morbidity statistics*. WHO, 2024. Disponível em: <https://icd.who.int/browse/2025-01/mms/en>. Acesso em: 12 jun. 2025.